

LÍDIA JORGE

"O MEU ESCRITÓRIO É TÃO CAÓTICO COMO A MINHA EXISTÊNCIA"



O escritório/biblioteca da sua casa lembra um campo de batalha prestes a ser invadido por um bibliotecário capaz de ordenar o que não é ordenável. Diz Lídia: "Em todas as tentativas que fiz para organizar os meus livros, surgiu qualquer coisa para estragar o plano. A biblioteca é uma derrota." No entanto, ela tentou. Chegou a alugar um armazém, onde estão guardados 20 caixotes, ordenados e catalogados, capazes de lhe provar que é possível a ordem. Mas, neste labirinto, como encontra um livro? "É muito difícil. Os livros jogam às escondidas, fogem de nós." Para fintá-los, a autora de "Costa dos Murmúrios" foi apurando mnemónicas

que lhe permitem seguir o seu rasto. Por exemplo, nas pilhas de livros amontoados no chão estão os despojos do seu quotidiano enquanto escritora: um congresso, uma viagem ao Brasil, os livros que trouxe do Canadá... "Há tempos, andava à procura de 'Peuls', do guineense Monénembo, que adoro, e lembrei-me que o tinha encontrado no Prémio da União Latina. Fui ao monte de Itália e lá estava ele." Olhemos então para as lombadas da estante, onde se encontra a sua biblioteca emocional, escoltada por uma dúzia de retratos: Colette, Guerra Junqueiro, Eugene O'Neill... Também lá estão Beckett, Proust e Faulkner — "Um escritor absolutamente poderoso,

não tem um livro medíocre. Nele não há tentativa, o que se propôs fazer está certo." Os preferidos têm uma prateleira própria, como Agustina e Virginia Woolf — "Nunca aprenderei nada com ela." Entre as mãos segura "Orlando", o seu livro de cabeceira, todo anotado. A escritora é generosa com os seus escritores: "São as pessoas que mais amo, uma espécie de família que me acolhe e que ocupa esta forma escultórica de livro." Mal aprendeu as letras, Lídia Jorge começou a escrever, ainda longe de adivinhar que seria essa a sua vida. "Não vivi num ambiente literário. No meu mundo não existia essa configuração." Aos 18 anos, em Lisboa, na Facul-

dade de Letras, tropeçou no "Nada", da catalã Cármen Laforet, que, ainda hoje, assinala como uma das descobertas mais avassaladoras. "Era a época do *nouveau roman*, eu andava ali à volta como um besouro. Queria coisas brutais. Aquele foi o livro que destronou definitivamente a Duras." Outro escritor que lhe abriu mundo foi Gabriel García Márquez e o inesquecível "Cem Anos de Solidão". "Aprendi com ele que o imaginário que trazia era válido. Deu-me a possibilidade de fazer 'O Dia dos Prodígios'." O amor aos livros é uma coisa misteriosa, irracional: "Não sabemos porque uns são tocados e outros não. Há leitores absolutamente extraordinários."